

DISSERTAÇÃO

TEATRO ESTUDANTIL: AS TECNOLOGIAS DO EU E A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DE SI¹

Tânia Cristina dos Santos Boy²

Apesar da publicação, nos anos de 1980, dos Parâmetros Curriculares salientando a relevância das aprendizagens proporcionadas pela arte, não se observa, até hoje, uma mobilização no sistema educacional nesse sentido. No âmbito escolar o ensino do jogo teatral continua limitado como alguma prática. Nesta pesquisa, refletindo a relação entre educação, teatro e os atuais indivíduos formados em nosso sistema educacional, buscamos compreender a constituição ética de um indivíduo que participa de um grupo teatral, através da fruição e apreciação da estética dessa arte.

O grupo teatral pesquisado pertence a uma escola pública do Estado de São Paulo, localizada na cidade de Sorocaba, que não mantém em sua grade curricular a disciplina Teatro, mas tem em seu projeto pedagógico o trabalho do grupo estudantil Tia Thereza & Cia, do qual participam todos os alunos interessados da própria unidade, mas fora do período das aulas regulares. Procuramos desvelar os processos de apropriação do teatro, que cada indivíduo pode fazer, através das teses do pensador Foucault que permitiram compreender a constituição do sujeito numa escola moderna.

Com as teorizações foucaultianas sobre as Tecnologias do Eu, pudemos coletar e analisar de forma empírica a Escrita de Si feita pelos próprios alunos. Escrita coletada nos cadernos

¹ Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares. E-mail: maria.soares@uniso.br

² Profa. da Rede Pública do Estado de São Paulo. E-mail: tsboy@ig.com.br

individuais dos alunos do grupo Tia Thereza & Cia, chamada de Hypomnêmatas por Plutarco, e, na pesquisa, relacionada aos protocolos propostos pelo dramaturgo alemão Berthold Brecht (KOUDELA 1991, 1992, 2001). Essas escritas desnudaram a maneira como as atividades desenvolvidas no grupo teatral promoveram situações que permitiram aos indivíduos uma ação sobre si mesmo, constituindo-se de forma diferenciada das experiências promovidas pela escola moderna da sociedade disciplinar, que segundo Foucault (1988) forma sujeitos, isto é, assujeitados ao poder. Para Foucault (2004) é o exercício das práticas de liberdade, que possibilita a cada um escolher entre obedecer ou resistir às regras impostas, tornando-se um indivíduo responsável pela constituição de si.

A palavra estética tem como sentido um vibrar em comum, um experimentar coletivamente. É um refinamento de nossos sentidos que nos coloca face a face com os estímulos do mundo, trazendo o saber sensível do nosso corpo orientado pela estesia, que promove através da arte um encontro sensível com o mundo, desenvolvendo e acurando os sentimentos e as percepções acerca da realidade vivida. Mas em nossa sociedade contemporânea vivemos de forma anestesiada. Certos elementos, como o sentir, o experimentar e o fruir do sensível, ou foram reprimidos, pela racionalidade moderna, ou superestimulados pela sociedade de consumo, provocando uma incapacidade do saber sensível de nossos corpos para desfrutar da estesia.

Num processo crescente de abstração a modernidade caracterizou-se por um progressivo afastamento do próprio corpo e do saber sensível que ele encerra. O trabalho, segundo o pensamento moderno tem bem pouco a ver com a corporeidade de seu executante, pois o corpo do homem foi, segundo Foucault (1988), docilizado, resultando hoje numa resistência corporal. A modernidade separou corpo e mente, sensibilidade e pensamento, como formas distintas do conhecimento humano, separando assim o exercício pleno do eu.

Na atual sociedade do consumo de massa vivemos com simulacros. Os meios de comunicação constroem os simulacros da realidade através de imagens que intentam substituir o mundo. A aparente valorização do corpo conduzida pela mídia é responsável pela perda de contato dos indivíduos com a mais carnal realidade. Tudo foi transformado em mercadoria, bens, produtos materiais, idéias, imagens e até o corpo humano. Assim, a sociedade contemporânea produz um tipo específico de personalidade em seus integrantes: no seu papel de consumidores passivos os indivíduos se restringem ao mínimo eu na “constituição de si”.

Para Foucault (1985, 1993, 1994) há os chamados “jogos da verdade” que remetem às relações entre o falso e o verdadeiro, fato que baliza o entendimento que cada um tem do mundo e de si mesmo. Nesse caminho o sujeito é um produto dos saberes, dos poderes e da ética. Cada um aprende e passa a ver a si próprio, usando as práticas do **ser-poder** combinadas aos dispositivos do **ser-saber** que engendra o sujeito como objeto das ciências modernas. No cotidiano escolar, o aluno constitui-se nessa relação dos saberes e dos poderes tornando-se um sujeito moderno. Objeto dócil-e-útil e sujeito essa é a identidade do indivíduo moderno.

Pensando na perspectiva de uma ontologia do presente, Foucault destaca o tema da constituição ética do sujeito no pensamento contemporâneo. Olhando para os antigos, o filósofo confronta os processos de subjetivação no presente e se defronta com o problema da ética. Então,

compara a forma de constituição do sujeito moral da Antigüidade com a forma de constituição do sujeito moderno, e conclui que este é destituído de todo cuidado ético. Nas escolas modernas, as formas de poder exercidas através da disciplina seguem o modelo ortopédico do *Panopticon*,³ combinando as técnicas da hierarquia que vigia, com as da sanção que normaliza.

Para Foucault, o problema ético da prática da liberdade está em se conduzir eticamente nas relações com os outros. Propondo a liberdade como condição ontológica da ética, lembra que a ética é a forma refletida assumida pela liberdade. A reflexão se apresenta como meio indispensável para que os indivíduos possam definir para eles mesmos formas possíveis da sua existência. E ainda introduz a noção de dominação, que permite ao indivíduo a compreensão das regras nas relações dos poderes existentes nos meios sociais.

Já a arte é uma facilitadora das múltiplas formas de saber, é fruto de uma experiência de vida, de um processo de criação do artista partilhada no seu tempo e espaço, dimensionando o homem como ser social e cultural. A função estética está nas atitudes humanas que o homem adota perante a realidade. A estética consiste em um conhecimento e um domínio teórico da realidade, com fronteiras e relações com várias esferas da vida prática.

Então, o valor estético da obra está no envolvimento entre o sujeito e o objeto. O prazer estético se manifesta em nosso cotidiano, expressando-se de diferentes formas, embora suas raízes na análise subjetiva e na interioridade só aconteçam quando estão em comunicação com alguém. O papel da ética e da estética envolve toda a conduta humana. Logo, a contribuição da experiência estética está na integração das várias áreas da vida que possibilitam a promoção de uma constituição sensível e plena do indivíduo, aquela que acontece através da fruição da arte e da apreciação, promovendo que promove reflexões acerca das experiências vivenciadas no contato com a arte.

Buscamos, assim, a contribuição da estética na constituição ética no interior dos protocolos escritos pelos alunos do grupo Tia Thereza & Cia com vistas à análise do processo de objetivação e subjetivação na constituição de si.

Para Foucault a escrita como técnica de si, enquanto, só técnica, só pode ser adquirida com exercícios, que são treinos de si, adestramentos necessários que permitem o viver. A escrita de si produz tais adestramentos, pois está associada ao exercício do pensamento de duas maneiras diferentes: a primeira, linearmente, em direção à meditação e à atividade da escrita e desta ao *gymnazein*, que é um trabalho de pensamento pela escrita na situação real; e a segunda, circularmente, nascendo na meditação que precede a escrita das notas e a leitura posterior das mesmas que relançam para uma nova meditação. Assim, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a askesis.

Segundo Plutarco (FOUCAULT, 2004), o uso da escrita no treinamento de si é uma forma de transportar a verdade em éthos através dos hypomnêmatas. Define esses hypomnêmatas

³ Termo derivado da palavra Panóptico, nome de uma construção prisional criada por Jeremy Bentham que permite que uns poucos fiscalizem permanentemente a ação de muitos. Os presos são vistos sem que vejam quem os vigiam.

como cadernetas individuais de anotações que guardam fragmentos de coisas lidas, ouvidas ou pensadas, permitindo uma leitura posterior e uma reflexão consigo mesmo, ou com outros, e consequentemente o estabelecimento de uma relação de si consigo mesmo tão adequada e perfeita que proporciona a constituição de si. O papel dessa escrita é constituir, com tudo o que a leitura construiu, um corpo que transforma a coisa vista ou ouvida “em força e em sangue” e torna o próprio escritor um princípio de ação racional.

Nesta pesquisa, a análise do processo de constituição de si, dos alunos participantes do grupo teatral Tia Thereza & Cia, realizou-se através de um instrumento de coleta de dados relacionado aos hypomnêmatas, pois os alunos mantinham cadernos individuais nos quais descreviam as atividades do grupo. Essa proposta, também fundamentada no trabalho de Brecht, os chamados protocolos, foi utilizada para recuperar as experimentações das cenas na montagem do espetáculo “A História de Fruck” como um “continuum” na avaliação do processo de criação na arte teatral. Para Ingrid Koudela (2001), o protocolo tem a função de registro, mas sua função mais nobre é o aprendizado estético constituído pelo momento integrador da experiência. Assim, os protocolos contêm a escrita individual que registrando os processos estéticos desenvolvidos na arte teatral, também, registram os movimentos internos de cada aluno do grupo na constituição de si.

Valendo-se das Tecnologias do Eu, teorizadas por Foucault (1991), e relacionadas à Educação pelo pesquisador espanhol Jorge Larrosa analisamos a escrita de si dos alunos na forma de hypomnêmatas, mas no sentido dos protocolos de Brecht. Larrosa (2000) descreve e analisa os dispositivos pedagógicos atendendo as cinco dimensões descritas nas Tecnologias do Eu: 1) a dimensão ótica que determina e constitui o que é visível dentro do sujeito para si mesmo; 2) a dimensão discursiva, constituindo aquilo que o sujeito pode e deve dizer acerca de si mesmo; 3) a dimensão narrativa, lugar onde o sujeito se coloca dentro da história percebendo-se como personagem de sua própria história; 4) a dimensão jurídica, momento no qual o sujeito deve julgar a si mesmo segundo uma trama de normas e valores; 5) e a dimensão prática, que revela o que o sujeito pode e deve fazer consigo mesmo. As Tecnologias do Eu em suas cinco dimensões funcionam em conjunto, aparecendo separadas apenas por razões didáticas. Destacamos, agora, para clarificar a análise da Escrita de Si nos protocolo dos alunos, dois exemplos:

- **aluno** “Na minha cena, acho que todos que viram gostaram, pois deram risada, olharam com cara de satisfeitos. Eu acho que a cada dia minha personagem está crescendo”
- Ao olhar para dentro de si, discursar sobre si, julgar-se, ver seu crescimento no tempo, o aluno nos revela seus movimentos internos. Esteticamente, é clara a sua percepção da Beleza, que surge nas cenas das quais a sua personagem participa. Faz apreciações refletidas sobre a cena, sobre o espetáculo e como isso afeta o público, e como, por consequência, é, também, afetado pela Beleza. E é ao desfrutar da Beleza que a arte pode promover no seu contato com o mundo, que o aluno vai se constituindo como indivíduo.
- **aluno** “fiz a personagem árvore... não precisamos de palavras para expressar, apenas olhares e gestos falam muito mais que mil palavras”

As dimensões das tecnologias do eu nos revelam como ao experimentar, no jogo teatral, as possibilidade que a estética dá ao seu corpo, o aluno entra em contacto com o sensível promovido pela Beleza. Nas experiências vividas no processo criativo do jogo teatral o aluno experimenta muitas formas de comunicação que veiculado a experiência de si promove uma forma diferenciada de sua própria constituição.

Então, na vivência teatral do grupo Tia Thereza & Cia encontramos a possibilidade da elaboração de uma atitude ética na constituição de si. Os escritos dos alunos, membros desse grupo teatral, desnudam a maneira, pela qual, no cotidiano as atividades desenvolvidas promovem situações que permitem aos indivíduos uma ação sobre si mesmo, constituindo-se de forma diferenciada das experiências promovidas pela escola moderna da sociedade disciplinar. Nos registros dos alunos, efetuados nos protocolos, encontramos reflexões que mostram o posicionamento do indivíduo perante os acontecimentos numa relação consigo mesmo. Numa escolha pessoal em se colocar de uma forma ou outra diante das situações sociais, aflora a ética como definida por Foucault que embasa a constituição dos indivíduos.

Durante a análise dos protocolos verificamos que se fizéssemos das práticas escolares um rico processo no qual os indivíduos pudessem se constituir de um modo particular, e com especificidade com a colaboração da vivência da arte teatral, poderíamos, na escola contemporânea, contribuir-se para a formação estética e a educação do olhar. Nesse caminho, seria permitido ao educando desfrutar, conhecer, fruir e apreciar num espetáculo teatral a Beleza presente, sendo que essa experiência sensível poderia contribuir para a constituição de si de forma diversa da produzida na sociedade e escola modernas.

Experimentar a Beleza que nasce da relação entre objeto e consciência, entre homem e mundo é próprio da fruição estética da arte. A experiência da Beleza proporciona ao homem a percepção do mundo que dessa forma pode aprender e aprimorar o seu fazer artístico. Sendo as duas modalidades da atividade estética que são: a fruição prazerosa na percepção dos fenômenos gerados pela arte e vivenciados no cotidiano do grupo, e a apreciação promovida pela atividade metacognitiva exercitada na reflexão de cada indivíduo no embate social com o grupo, a constituição de si adquiriria raízes depuradas em elementos-chave e palavras-guia.

Enfim, se há em nossa sociedade anestesiada, um orgulho por ter supervalorizado os pressupostos e fundamentos da racionalidade moderna, mesmo que isso tenha provocado a ruptura com uma vida e existência sensíveis, há, também hoje, tendências e esforços na direção de uma construção de realidades diversificadas, fundamentados em conhecimentos e saberes esquecidos ou negligenciados ao longo do último século. Não é demais, portanto, se insistir no tema da presença da arte teatral, da fruição, da apreciação, do desfrutar da estética na escola, momentos que permitam uma outra experiência de si e, portanto, uma outra constituição de si, uma constituição ética de si como fundamental para o estabelecimento de projetos educacionais, especialmente aqueles direcionados para a educação da criança e do adolescente.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. v. 1.
- _____. *A história da sexualidade*: o uso dos prazeres. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. v. 2
- _____. *A história da sexualidade*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 3
- _____. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____. *Ditos & escritos V*. São Paulo: Forense, 2004.
- _____. Tecnologias del yo. In: _____. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991. p. 51-72.
- LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu e educação*. In: SILVA, Tomaz T. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 35-86.
- KOUDELA, Ingrid D. *Brecht*: um jogo de aprendizagem. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. *Um vôo Brechtiano*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *Brecht na Pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2001.